

“Alencar 100 Anos Depois”

Jorge Amado

(PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO À ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS)

“Homenagem da Academia Cearense de Letras ao escritor José Martiniano de Alencar, no centenário de sua morte”, assim se subintitula o volume *Alencar 100 anos depois*, publicado em dezembro de 1977 em Fortaleza. No âmbito das homenagens prestadas ao mestre romancista em seu Estado natal, grandes homenagens das quais tive a honra e o prazer de participar, a edição desse livro, planejada e executada por Cláudio Martins, presidente da Academia Cearense, ocupa, a meu ver, lugar do maior destaque, pois se trata de uma coletânea onde autores dos mais importantes, do passado e contemporâneos, analisam e situam na sua grandeza a personalidade e a obra do extraordinário escritor cuja constante preocupação — como acentua Cláudio Martins — foi romper velhos cânones e plasmar uma literatura genuinamente brasileira”.

No índice do alentado volume, encontramos os nomes de Mário de Alencar, Gladstone Chaves de Melo, Joaryvar Macedo, Filgueiras Lima, Waldemir Miranda, Antônio Sales, M. Cavalcanti Proença, Oscar Mendes, Otacílio Colares, Raimundo Menezes, Fran Martins, Manuel Albano Amora, Thomaz

Rodrigues, Deolindo Amorim, Rubens Falcão, José Valdivino, Sânzio de Azevedo, Raimundo Girão, Alcebiades Vianna de Paula e José Elias Murad — os dois últimos assinando uma curiosa contribuição ao conhecimento da obra alencariana, sobre a “jurema, alucinógeno indígena” cujo estudo decorreu da sua presença em *Iracema*. Como se constata, a obra de Alencar é analisada em *Alencar 100 anos depois*, em sua totalidade e em suas singularidades, nos detalhes mais diversos. Raimundo Girão dedica um largo e interessantíssimo estudo aos “Bichos Cearenses na Obra de Alencar”, não apenas erudito mas também de leitura deliciosa. Fran Martins estuda a obra do jurista; o inesquecível M. Cavalcanti Proença interpreta com justeza as causas de “obstinada popularidade” do romancista; Manuel Albano Amora ocupa-se do poeta; Raimundo Menezes, do teatrólogo; Thomaz Rodrigues e Rubens Falcão, do político e assim por diante, ou seja, a coletânea organizada pela Academia Cearense é um retrato de corpo inteiro de José de Alencar, livro de agora em diante indispensável a todos aqueles que desejam estudar a figura e a obra imortais do mestre cearense.

Ao louvar o admirável volume de homenagem, a seriedade, o bom gosto, a justeza na escolha e seleção dos ensaios e artigos que o tornam tão importante, desejo dizer uma palavra de estima e aplauso ao trabalho de Cláudio Martins, na presidência da Academia Cearense. As Academias são facilmente orgulhosas de suas tradições e poucas no Brasil poderão se honrar de tradições maiores e mais belas do que a Academia Cearense. Mas Cláudio Martins não é homem de se contentar com as tradições, por mais respeitáveis e honrosas. Deu à Academia uma vida atuante, criou as condições necessárias para que ela fosse um corpo vivo na paisagem cultural do Ceará, um fator de grandeza. Não fosse ele um Martins, desse poderoso clã dos Martins, indômitos sertanejos que conquistaram o mar de Iracema, ficcionistas, juristas, homens da Universidade, o patriarca Martins D'Alvarez, o reitor Antônio Martins, o grande escritor Fran Martins, cuja obra jurídica não deve roubá-lo do conto e do ro-

mance, gêneros em que é mestre nacional. Em meio aos irmãos ilustres, não menos ilustre o Presidente da Academia Cearense, a realizar, a decidir, escritor, professor, homem de ação. Sob seu comando, a Academia Cearense de Letras erigiu um monumento imperecível à memória do José de Alencar.

(*O Povo*, 12 - 3 - 1978)